


RETOMADA terceira fase (2008-2015)

RETOMADA terceira fase (2008-2015)



NOVOS MARCOS, NOVOS RUMOS

Após o fim da Retomada, o mercado de produção cinematográfica voltou a crescer, impulsionado por mudanças estruturais e investimentos em novos talentos. O setor passou por um período de consolidação, com a criação de novas empresas e a profissionalização dos processos de produção. A diversidade de gêneros e estilos tornou-se uma característica marcante, refletindo a maturidade do mercado brasileiro.

RANKING NACIONAL - TERCEIRA FASE (2008-2015)

ESTADO	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015
1 - SÃO PAULO	100	100	100	100	100	100	100	100
2 - RIO DE JANEIRO	85	85	85	85	85	85	85	85
3 - MINAS GERAIS	70	70	70	70	70	70	70	70
4 - RIO GRAVE	55	55	55	55	55	55	55	55
5 - MATO GROSSO DO SUL	40	40	40	40	40	40	40	40
6 - MATO GROSSO DO NORTE	25	25	25	25	25	25	25	25
7 - MATO GROSSO	10	10	10	10	10	10	10	10
8 - PARANÁ	5	5	5	5	5	5	5	5
9 - RIO GRANDE DO SUL	1	1	1	1	1	1	1	1
10 - RIO GRANDE	0	0	0	0	0	0	0	0
11 - SÃO CARLOS	0	0	0	0	0	0	0	0
12 - SÃO PAULO	0	0	0	0	0	0	0	0
13 - SÃO PAULO	0	0	0	0	0	0	0	0
14 - SÃO PAULO	0	0	0	0	0	0	0	0
15 - SÃO PAULO	0	0	0	0	0	0	0	0
16 - SÃO PAULO	0	0	0	0	0	0	0	0
17 - SÃO PAULO	0	0	0	0	0	0	0	0
18 - SÃO PAULO	0	0	0	0	0	0	0	0
19 - SÃO PAULO	0	0	0	0	0	0	0	0
20 - SÃO PAULO	0	0	0	0	0	0	0	0
21 - SÃO PAULO	0	0	0	0	0	0	0	0
22 - SÃO PAULO	0	0	0	0	0	0	0	0
23 - SÃO PAULO	0	0	0	0	0	0	0	0
24 - SÃO PAULO	0	0	0	0	0	0	0	0
25 - SÃO PAULO	0	0	0	0	0	0	0	0
26 - SÃO PAULO	0	0	0	0	0	0	0	0
27 - SÃO PAULO	0	0	0	0	0	0	0	0
28 - SÃO PAULO	0	0	0	0	0	0	0	0
29 - SÃO PAULO	0	0	0	0	0	0	0	0
30 - SÃO PAULO	0	0	0	0	0	0	0	0

ASSALTOS AO BANCO CENTRAL (Marcos Paulo, 2011)



Após um período de relativa estabilidade, o cinema brasileiro voltou a experimentar novos rumos. O filme "Assaltos ao Banco Central" marcou o início de uma nova geração de cineastas, com uma abordagem mais realista e crítica à sociedade brasileira.

BRUNA SARTEWYTHA (Marcos Badoel, 2011)



Um dos destaques da terceira fase da Retomada foi o filme "Bruna Sartewytha", que abordou temas sociais e emocionais de forma sensível e envolvente.

ONE HOLIDAY (Helder Gomes, 2012)



O filme "One Holiday" trouxe uma abordagem mais intimista e emocional, explorando as relações humanas em um contexto contemporâneo.

FUNDO SETORIAL DO AUDIOVISUAL



Com o crescimento do mercado audiovisual, a criação de fundos setoriais tornou-se uma estratégia importante para atrair investimentos e fomentar a produção de conteúdo de qualidade.

MEU NOME É JOHNNY (João Lima, 2009)



"Meu Nome é Johnny" foi um marco na produção independente brasileira, demonstrando o potencial do cinema de autor e a importância da distribuição independente.

ENSAYO SOBRE A CECIDERA (Fernando Matos, 2008)



O filme "Ensaio sobre a Cecidera" abordou temas de identidade e cultura, refletindo sobre a realidade brasileira e a busca por uma voz própria no cinema nacional.

PRODUÇÃO



A produção cinematográfica brasileira passou por um período de consolidação, com a profissionalização dos processos e a busca por novos talentos e formatos de distribuição.

FAROESTE CABOCLÓ (René Sampaio, 2013) e SOMOS TÃO JOVENS (Antônio Carlos da Fontoura, 2013)



Dois filmes que marcaram a terceira fase da Retomada, explorando temas de identidade, cultura e relações humanas de forma inovadora e envolvente.

5 X FAVELA - AGORA POR NÓS MESMOS (Andréis Brites, 2010)




"5 x Favela" trouxe uma abordagem mais crítica e social, abordando as condições de vida nas favelas e a luta por direitos e cidadania.

2010 - UM NOVO ANO HISTÓRICO



O filme "2010 - Um Novo Ano Histórico" abordou temas de história e cultura, refletindo sobre o legado brasileiro e a busca por uma identidade nacional.

SE O FOSSE VOCÊ 2 (Daniel Filho, 2008)



O filme "Se o Fosse Você 2" trouxe uma abordagem mais leve e humorada, explorando temas de amor e relacionamentos de forma divertida e envolvente.

FLORES RARAS (Bruno Barreto, 2013)



"Flores Raras" abordou temas de família, amor e relacionamentos, refletindo sobre a realidade brasileira e a busca por uma identidade pessoal.

UMA NOVA EXPLOSAO DAS COMÉDIAS



O mercado brasileiro voltou a experimentar novos rumos, com a produção de comédias que abordam temas sociais e emocionais de forma sensível e envolvente.

TIBEREAUS E CINEMA INDEPENDENTE BRASILEIRO



O cinema independente brasileiro tem ganhado destaque no mercado, com a produção de filmes de autor que abordam temas sociais e emocionais de forma crítica e envolvente.

ANIMAÇÕES



O mercado brasileiro de animação tem crescido significativamente, com a produção de filmes de animação que abordam temas sociais e emocionais de forma sensível e envolvente.

ANIMAÇÕES



O mercado brasileiro de animação tem crescido significativamente, com a produção de filmes de animação que abordam temas sociais e emocionais de forma sensível e envolvente.

ANIMAÇÕES



O mercado brasileiro de animação tem crescido significativamente, com a produção de filmes de animação que abordam temas sociais e emocionais de forma sensível e envolvente.

ANIMAÇÕES

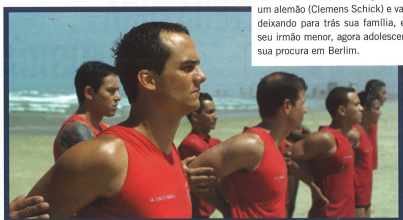


O mercado brasileiro de animação tem crescido significativamente, com a produção de filmes de animação que abordam temas sociais e emocionais de forma sensível e envolvente.

PRODUÇÃO

PRAIA DO FUTURO (Karim Aïnouz, 2014)

O realizador de *Madame Satã* e *O céu de Suely* emplacou seu primeiro longa na competição de um grande festival internacional com *Praia do Futuro*, que participou da disputa pelo Urso de Ouro no Festival de Berlim de 2014. Coprodução entre Brasil e Alemanha, o filme conta a história de um salva-vidas brasileiro (Wagner Moura) que se apaixona por um alemão (Clemens Schick) e vai morar com ele em Berlim, deixando para trás sua família, em Fortaleza. Anos depois, seu irmão menor, agora adolescente (Jesusita Barbosa), vai à sua procura em Berlim.



HOJE EU QUERO VOLTAR SOZINHO (Daniel Ribeiro, 2014)

Diretor de São Paulo que se destacou na cena dos curtas-metragens com dois filmes sobre jovens gays (*Café com leite* e *Eu não quero voltar sozinho*), Daniel Ribeiro estreou em longa com uma versão ampliada deste segundo curta, que se tornou *Hoje eu quero voltar sozinho*. Contada com muita delicadeza e sensibilidade, a história de Leonardo (Ghilherme Lobo), um jovem cego que descobre a sexualidade e a primeira paixão com o amigo de escola Gabriel (Fabio Audi), teve sua *première* na mostra Panorama do Festival de Berlim, de onde saiu com o prêmio da crítica e o Teddy Bear, troféu dado ao melhor filme de temática LGBT de todo o festival. No Brasil, o filme se tornou um pequeno fenômeno no circuito de arte, com mais de 206 mil ingressos vendidos, além de ter cumprido ótima carreira em mercados internacionais.

68 • REVISTA FILME B OUTUBRO 2015

PRODUÇÃO

VENTOS DE AGOSTO (Gabriel Mascaro, 2014)

Um dos expoentes da nova geração do cinema pernambucano, Gabriel Mascaro realizou quatro documentários (entre eles os premiados *Um lugar ao sol* e *Doméstica*) antes de estreiar em um longa de ficção. Cruzando as histórias de um jovem pescador obcecado pela morte depois que encontra uma caveira no mar (Geovã Manoel dos Santos), de sua namorada (Dandara de Moraes) e de um jovem pesquisador que captura informação sobre os ventos (vivido pelo próprio diretor), o filme foi selecionado para a competição do Festival de Locarno, na Suíça, e recebeu uma menção especial do júri.



CASA GRANDE (Fellipe Barbosa, 2014)

Depois dos elogiados *Beijo de sal* (curta) e *Laura* (documentário de longa-metragem rodado em Nova York, onde o diretor estudou cinema), Fellipe Barbosa estreou em um longa de ficção com *Casa grande*, história de um jovem de classe alta (Thales Cavalcanti) que testemunha a derrocada econômica de sua família, apesar dos esforços do pai (Marcello Novaes) de esconder a falência e manter as aparências. Como *O som ao redor*, de Kleber Mendonça Filho, o filme iniciou sua bem-sucedida carreira internacional no Festival de Roterdã, onde participou da competição pelo Tiger Award.

QUE HORAS ELA VOLTA? (Anna Muijlaert, 2015)

Narrado do ponto de vista da empregada Val (Regina Casé), a partir do momento em que sua filha Jéssica (Camilla Márdila) resolve passar um tempo com ela em São Paulo, *Que horas ela volta?* é um retrato ao mesmo tempo comovente e bem-humorado das complexas relações entre patrões e empregados domésticos no Brasil. A diretora Anna Muijlaert, que já tinha dado provas de talento em *Durval Discos* e *É proibido fumar*, emplacou com esse filme seu primeiro sucesso internacional: o filme foi selecionado para o Sundance Film Festival, onde Regina Casé e Camilla Márdila receberam o prêmio de melhor atriz, e também para a mostra Panorama do Festival de Berlim, de onde saiu com o prêmio do público.



68 • REVISTA FILME B OUTUBRO 2015

NOVOS MARCOS, NOVOS RUMOS

A terceira fase da Retomada é marcada, sobretudo, por uma grande transformação nas formas de financiamento do setor com a implementação do Fundo Setorial do **Audiovisual**, que foi criado em 2006, regulamentado em 2007 e começou a funcionar, efetivamente, a partir de 2008.

O ano de 2010 se torna outro marco, principalmente devido ao lançamento de Tropa de elite 2, recordista da história do cinema brasileiro (pelo menos do que se tem registro), com público de mais de 11,2 milhões, somado ao sucesso de dois filmes de temática espírita - Nosso Iare Chico Xavier, que juntos venderam mais de 7,4 milhões de ingressos.

A consolidação das franquias, principalmente das comédias, e a aprovação da Lei 12.485/2011, que regulamenta a **TV por assinatura** e estabelece cotas para a produção independente nos canais estrangeiros, são outras novidades importantes.

PRINCIPAL FONTE DE FINANCIAMENTO DO PERÍODO:

FUNDO SETORIAL DO **Audiovisual** (FSA) - Criado pela lei 11.437/06 e regulamentado pelo decreto nº 6.299, de 12 de dezembro de 2007, o Fundo Setorial do **Audiovisual** (FSA) é uma categoria de programação específica do **Fundo Nacional de Cultura** alimentado pela arrecadação da Condecine (Contribuição para o Desenvolvimento da **Indústria Cinematográfica** Nacional) e por receitas de concessões e permissões, principalmente o Fistel (Fundo de Fiscalização das Telecomunicações). Com uma lógica totalmente diversa das leis de incentivo fiscal, o FSA trouxe muitas transformações para o

financiamento do setor. Confira mais detalhes na próxima página.

FUNDO SETORIAL DO **Audiovisual**

O Fundo Setorial do **Audiovisual** (FSA) foi criado em 2006, regulamentado em 2007 e começou a operar de fato a partir de 2008, trazendo uma mudança profunda nas políticas públicas para o **Audiovisual**.

O modus operandi do FSA está fundamentado numa estrutura programática que tem como objetivo o desenvolvimento articulado do **Audiovisual** brasileiro, estimulando a cadeia produtiva por meio de diferentes segmentos do mercado - contemplando, portanto, a produção, a distribuição e a exibição não apenas no cinema, mas também na TV por acesso condicionado (a TV paga) e na TV pública.

Os recursos que compõem o FSA são oriundos do Orçamento da União e provêm de diversas fontes, principalmente da arrecadação da Condecine (Contribuição para o Desenvolvimento da **Indústria Cinematográfica** Nacional), e de receitas de concessões e permissões, principalmente o Fistel (Fundo de Fiscalização das Telecomunicações). Além destas, o fundo também é composto de receitas decorrentes de cobranças de taxas e multas, assim como do produto do rendimento de aplicações financeiras.

A Condecine, principal fonte de alimentação do FSA, é gerada a partir da veiculação, produção, licenciamento e distribuição de obras audiovisuais com finalidade comercial. Ou seja: a lógica do FSA é que o dinheiro da própria atividade alimenta a atividade. O fundo dispõe de seus recursos a partir de linhas de ação determinadas por um Comitê Gestor,

responsável pela identificação de gargalos e de setores específicos que necessitem de estímulos.

Ao contrário do modelo de incentivo fiscal, que previa majoritariamente operações não-reembolsáveis, o FSA estabelece que seus recursos podem ser aplicados de três formas:

- por intermédio de investimentos retornáveis em projetos de desenvolvimento da atividade audiovisual e produção de obras audiovisuais brasileiras;
- por meio de empréstimos reembolsáveis;
- por meio de valores não-reembolsáveis, em casos específicos, a serem previstos em regulamento.

Ainda que existam problemas relacionados sobretudo à burocracia e ao atraso na liberação de verbas, o FSA já injetou na atividade, em seis anos, mais de R\$ 1,1 bilhão, tendo desempenhado um papel fundamental no processo de digitalização. Do ponto de vista histórico, aliás, é a primeira vez que o Estado investe na atividade como um todo e de forma mais sistemática, contemplando não apenas a produção, mas também a distribuição e a exibição.

MEU NOME NÃO É JOHNNY (Mauro Lima, 2008)

Produzida por Mariza Leão, essa adaptação do livro de Gui-Iherme Fiúza se tornou um dos filmes mais comentados do ano de 2008, conquistando também uma ótima bilheteria, com 2,1 milhões de ingressos vendidos e renda bruta de R\$ 18,3 milhões. Selton Mello empresta seu carisma ao personagem

principal, João Guilherme Estrella, um jovem de classe média que se tornou traficante internacional. Cleo Pires é seu par romântico e parceira de tráfico. O filme ganhou seis troféus no Grande Prêmio do Cinema Brasileiro, incluindo o de melhor ator para Selton Mello, o de melhor atriz coadjuvante para Julià Lemmertz, que interpreta a mãe de João Guilherme, e o de melhor roteiro adaptado, para Mariza Leão e Mauro Lima.

ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA (Fernando Meirelles, 2008)

Depois do sucesso de Cidade de Deus, Fernando Meirelles se engajou em uma carreira internacional que teve um de seus momentos altos nessa adaptação do romance de José Saramago. Uma coprodução entre Canadá, Brasil e Japão, falada em inglês, e com orçamento de US\$ 25 milhões, Ensaio sobre a cegueira abriu o Festival de Cannes de 2008, participando também da competição. O elenco multinacional, capitaneado por Mark Ruffalo e Julianne Moore, inclui ainda o mexicano Gael García Bernal, a brasileira Alice Braga, o canadense Don McKellar e o japonês Yusuke Iseya.

5 X FAVELA - AGORA POR NÓS MESMOS (vários diretores, 2010)

Impressionado com a quantidade de jovens talentos oriundos dos cursos de cinema e interpretação realizados nas favelas do Rio de Janeiro, o cineasta Carlos Diegues teve a ideia de refazer um dos filmes mais emblemáticos do Cinema Novo brasileiro. Lançado em 1962, Cinco vezes favela reunia cinco curtas assinados por Diegues, Leon Hirszman,

Joaquim Pedro de Andrade, Miguel Borges e Marcos Farias. A ideia, agora, era entregar a criação aos moradores das próprias favelas, em um processo que incluiu oficinas de roteiro, interpretação e técnicas e um longo esforço coletivo, supervisionado por Diegues. Com produção de Renata de Almeida Magalhães e segmentos dirigidos por Cacau Amaral, Cadu Barcellos, Luciana Bezerra, Manaira Carneiro, Rodrigo Felha, Wagner Novais e Luciano Vidigal, o filme ganhou uma concorrida exibição especial, fora de competição, no Festival de Cannes, e ainda gerou séries de TV e **Documentários**, como 5x pacificação.

SE EU FOSSE VOCÊ 2 (Daniel Filho, 2009)

Em 2009, o improvável aconteceu. O raríssimo fenômeno astronômico que, três anos antes, havia provocado uma troca de corpos e gerado uma das co-médias mais bem-sucedidas da Retomada se repetiu. Mais uma vez, Helena e Cláudio, o casal vivido por Glória Pires e Tony Ramos (ou vice-versa, dependendo do momento do filme), acordaram um no corpo do outro. Se muitos julgavam ainda mais improvável repetir o sucesso do primeiro filme, eis que a aposta da produtora Total Filmes se mostrou mais do que certa, e o fenômeno cinema-tográfico se repetiu de maneira ainda mais eloquente: foram 6,1 milhões de ingressos vendidos (2,5 milhões a mais que o primeiro) - um sucesso que não só estimulou uma série de outras comédias, como provou que as franquias também podiam ser uma estratégia interessante para o cinema nacional.

2010: UM NOVO ANO HISTÓRICO

Sete anos depois do marco de 2003, quando o

conjunto de filmes brasileiros em cartaz alcançou 21% de participação de mercado, 2010 também cravou seu lugar na história. Apesar de a produção nacional não ter conseguido alcançar o mesmo índice de market share (nesse intervalo o mercado cresceu como um todo, e, ao contrário de 2003, a safra dos filmes estrangeiros era extremamente forte), os resultados de público e renda do ano estabeleceram novos recordes para a Retomada, com 25,6 milhões de ingressos e renda de R\$ 225,7 milhões. E se o percentual de market share não chegou lá, ficou em um respeitável segundo lugar na Retomada, com 19%.

Desde o momento em que José Padilha confirmou para outubro o lançamento de Tropa de elite 2, 2010 já se anunciava um ano forte para o cinema brasileiro. Desta vez, todo cuidado contra a pirataria foi tomado. E, curiosamente, como no caso de Carlota Joaquina (só que agora em circunstâncias praticamente opostas), Padilha resolveu assumir ele mesmo a distribuição do filme, convocando para coordenar o lançamento um dos profissionais mais experientes na área, Marco Aurélio Marcondes.

A estratégia deu certo, e o resultado não decepcionou. Com o subtítulo O inimigo agora é outro, Tropa de elite 2 estreou em mais de 700 salas e chegou ao fim de sua carreira com 11,2 milhões de espectadores e R\$ 103 milhões de receita total - batendo recordes da Retomada e superando o recordista de público anterior, Dona Flor e seus dois maridos.

Mas se o sucesso de Tropa 2 era relativamente previsível, dois outros lançamentos, ambos de tema espírita, contribuíram para tornar 2010 um ano especial. Lançado em abril, Chico Xavier atraiu 3,4 milhões de espectadores, enquanto Nosso lar, que estreou em setembro (o que fez

todos pensarem que teria vida curta nos cinemas, afinal, enfrentaria a concorrência de Tropa 2), acabou surpreendendo com público de mais de quatro milhões.

A NOVA EXPLOSÃO DAS COMÉDIAS

Em 2009, o resultado de três comédias acendeu o alerta dos produtores, que voltaram a apostar forte no gênero. Se eu fosse você 2, com 6,1 milhões de ingressos, A mulher invisível, com 2,3 milhões, e Os normais 2, com 2,1 milhões, impulsionaram a volta de uma antiga tradição do cinema brasileiro, gerando um novo boom de filmes cômicos e revelando diretores, como Roberto Santucci e Felipe Joffily, e estrelas, como Ingrid Guimarães, Paulo Gustavo, Fábio Porchat e Leandro Hassum.

Em 2011 e 2012, De pernas pro ar (3,5 milhões de ingressos), Cilada.com (3 milhões), Até que a sorte nos separe (3,4 milhões de espectadores) e E aí, comeu? (2,6 milhões) deram continuidade à tendência.

Até que, em 2013, nada menos que cinco comédias conseguiram desempenhos excepcionais. A continuação de De pernas pro ar chegou a 4,7 milhões de ingressos. Minha mãe é uma peça, com Paulo Gustavo, se confirmou um fenômeno, com 4,6 milhões. Até que a sorte nos separe 2, com Leandro Hassum, fez 3,9 milhões de espectadores. E Meu passado me condena, com Fábio Porchat e Miá Mello, ficou com 3,1 milhões.

Graças a esse conjunto, 2013 acabou suplantando os recordes de 2010 para o cinema nacional, com mais de 28 milhões de ingressos e receita de R\$ 300 milhões.

A volta das comédias com tanta força se explica por vários fatores. Segundo Bruno Wainer, da distribuidora Downtown, responsável pelo lançamento da maioria desses novos blockbusters nacionais em parceria com a Paris Filmes, a comédia foi o primeiro gênero dessa nova fase do cinema brasileiro a de fato se industrializar. Graças ao orçamento mais em conta em relação a épicos ou filmes de ação, por exemplo, e às maiores chances de sucesso na bilheteria, o produtor depende menos da liberação dos recursos do Fundo Setorial e consegue entregar o produto a tempo de se conseguir um lançamento planejado.

Essas novas comédias, muitas delas sobre empreendedorismo e ascensão social, também caíram no gosto de um novo público, recentemente incorporado ao hábito de frequentar cinemas nessa nova realidade das salas no formato multiplex em shopping centers, muitas delas construídas pelo interior do país e nas periferias das grandes cidades.

TIRADENTES E O CINEMA INDEPENDENTE BRASILEIRO

Realizada na pequena cidade histórica do interior de Minas Gerais, a Mostra de Cinema de Tiradentes foi criada em 1998, logo no começo da Retomada. Não por acaso, a primeira personalidade homenageada foi Carla Camurati, diretora e produtora de Carlota Joaquina longo dos anos, o evento se afirmou entre os principais festivais nacionais, como Gramado e Brasília, tornando-se o ponto de encontro de uma nova geração e plataforma de lançamento de um novo cinema independente brasileiro, muitas vezes feito à margem das formas de financiamento oficiais.

Em 2007 foi criada a mostra Aurora, competição dedicada a cineastas com até três longas no currículo, dando visibilidade a realizadores com vontade de apostar em novas linguagens, muitas vezes organizados em produtoras regionais que atuam como coletivos, como Filmes do Caixote, de São Paulo; Duas Mariola, do Rio de Janeiro; Filmes de Quintal e Teia, de Minas Gerais; Símio Filmes, de Pernambuco, e Alumbramento, do Ceará.

Entre os cineastas que despontaram em Tiradentes estão Gabriel Mascaro, que exibiu por lá seu primeiro longa documental, Um lugar ao sol (em 2014 ele saiu premiado no Festival de Locarno com Ventos de agosto, e teve seu Boi Neon selecionado para Veneza, em 2015); Marcelo Pedrosa, com Pacific (cujo Brasil S.A. foi selecionado para o Panorama de Berlim em 2015); Ricardo e Luiz Pretti, que codirigiram, com Pedro Diógenes e Guto Parente, Estrada para Ythaca-, Allan Ribeiro, com Esse amor que nos consome e Mais do que eu possa me reconhecer; Adirley Queiroz, com A cidade é uma só-, Felipe Bragança e Marina Meliande, com A fuga da mulher gorila, entre tantos outros.

ASSALTO AO BANCO CENTRAL (Marcos Paulo, 2011)

Baseado em uma história verdadeira, que ocorreu em Fortaleza, no Ceará, em 2005, quando aproximadamente R\$ 165 milhões foram levados da agência do Banco Central através de um túnel escavado ao longo de três meses, esse filme é uma rara aposta de produtores nacionais - no caso, a Total Filmes - no gênero ação. Com direção de Marcos Paulo e um elenco formado por Eriberto Leão, Hermila Guedes, Giulia Gam e Lima Duarte,

Assalto ao Banco Central encena os desdobramentos quase inacreditáveis do episódio, em que apenas uma pequena parte do dinheiro foi recuperado e que incluiu uma série de assassinatos posteriores ao roubo. O público respondeu de forma positiva: foram 1,8 milhão de ingressos vendidos.

BRUNA SURFISTINHA (Marcus Baldini, 2011)

No mercado desde os anos 1990 e inicialmente mais associada a documentários e vídeos musicais, a TVZero teve seu primeiro sucesso com um longa de ficção já nesta década, com a adaptação do best-seller O doce veneno do escorpião, livro de memórias da ex-prostituta Raquel Pacheco. Usando como título o nome profissional de Raquel, Bruna Surfistinha, o filme marcou a estreia de Marcus Baldini na direção de um longa-metragem (mais recentemente, ele dirigiu a comédia Os homens são de Marte... e é pra lá que eu vou!). Com Deborah Secco, atriz que até então pouco investira em cinema, no papel-título, o filme fez 2,1 milhões de espectadores.

O PALHAÇO (Selton Mello, 2011)

Um dos atores que mais se destacaram na Retomada, com atuações elogiadas em filmes dos mais diversos estilos como La-voura arcaica, Lisbela e o prisioneiro e Meu nome não é Johnny, Selton Mello estreou na direção em 2008 com o drama familiar Feliz Natal. Em 2011, lançou-se em mais uma aventura atrás das câmeras, dessa vez interpretando também um dos papéis principais, ao lado do veterano Paulo José. Com produção da Bananeira Filmes de Vania Catani, O palhaço acabou se

tornando uma das grandes surpresas da temporada, com público acima de um milhão de espectadores. E ainda levou 11 troféus no Grande Prêmio do Cinema Brasileiro, incluindo os de melhor filme pela Academia Brasileira de Cinema e pelo júri popular.

CINE HOLLIÚDY (Haider Gomes, 2012)

Depois de percorrer vários festivais de cinema com seu curta metragem O astista contra o cabra do mal, de 2004, o diretor, produtor e roteirista cearense Haider Gomes produziu uma versão em longa-metragem com o mesmo personagem principal (interpretado pelo próprio diretor). O resultado, Cine Holliúdy, uma comédia ingênua e nostálgica sobre um homem que luta para manter aberto um cinema numa pequena cidade do Nordeste, acabou se tornando um dos fenômenos de público mais interessantes da Retomada. O filme iniciou sua carreira como um lançamento essencialmente regional, e depois chegou também a outras regiões do país, chegando à impressionante marca de 480 mil espectadores.

O SOM AO REDOR (Kleber Mendonça Filho, 2012)

Crítico e realizador pernambucano, autor de curtas premiados como Vinil verde, Eletrodoméstica e Recife frio, Kleber Mendonça Filho estreou em um longa-metragem de ficção com O som ao redor, tenso suspense urbano sobre uma milícia que se instala na rua de um bairro de classe média de Recife. O filme estreou na competição do Festival de Roterdã, na Holanda, onde recebeu o prêmio da crítica, e seguiu uma intensa carreira internacional que não se limitou a festivais, tendo sido lançado

comercialmente em dezenas de países, incluindo Estados Unidos e França. No Brasil, foram 96 mil espectadores.

FAROESTE CABOCLO (René Sampaio, 2013) e SOMOS TAO JOVENS (Antônio Carlos da Fontoura, 2013)

Passada quase uma década da estreia de Cazuza - O tempo não para, outro ícone do rock brasileiro dos anos 80 morto precocemente em decorrência da Aids, Renato Russo, inspirou dois filmes no mesmo ano. O veterano Antônio Carlos da Fontoura dirigiu Somos tão jovens, reconstituindo o início da vida artística de Renato, antes da Legião Urbana (no papel, Thiago Mendonça, que oito anos antes vivera o cantor sertanejo Luciano em 2 filhos de Francisco). O estreante em longa-metragem René Sampaio se ocupou de adaptar para a tela a narrativa da canção Faroeste caboclo. Fabrício Boliveira e Isis Valverde viveram os protagonistas João de Santo Cristo e Maria Lúcia. Os dois filmes tiveram trajetórias semelhantes no mercado. Somos tão jovens se saiu ligeiramente melhor, com 1,7 milhão de espectadores, contra o 1,5 milhão de Faroeste caboclo.

FLORES RARAS (Bruno Barreto, 2013)

A história de Lota de Macedo Soares e seu relacionamento com a poeta americana Elizabeth Bishop, contada no livro Flores raras e banalíssimas, de Carmen L. Oliveira, foi um projeto acalentado por muitos anos pela produtora Lucy Barreto, que conseguiu concretizá-lo em 2013, com direção do filho, Bruno Barreto. Produção de porte internacional falada em inglês e quase toda rodada no Brasil,

Flores raras traz Glória Pires como Lota, a arquiteta que ajudou a planejar o Aterro do Flamengo, no Rio, e a atriz australiana Miranda Otto como Bishop, que se apaixonou por Lota e morou muitos anos no Brasil. O filme foi selecionado para a mostra Panorama, do Festival de Berlim, e atraiu 276 mil espectadores quando lançado nos cinemas brasileiros.

ANIMAÇÕES

Por dois anos consecutivos, animações brasileiras venceram o principal prêmio do mais importante evento dedicado ao formato no mundo. Em 2013 e 2014, respectivamente, Uma história de amor e fúria, de Luiz Bolognesi, e O menino e o mundo, de Alê Abreu, saíram vencedores do Festival de Annecy, na França.

O fato chamou atenção para a animação produzida no país. Ainda que tenha imensas dificuldades de se afirmar no próprio mercado - afinal, pelo menos no campo da animação infantil, a potência de grandes marcas como Disney e DreamWorks é praticamente impossível de se enfrentar -, os filmes animados brasileiros conseguiram alguns feitos importantes nos anos da Retomada.

Entre 1995 e 2015, o Brasil lançou 17 longas-metragens de animação nos cinemas. Desse total, nove são do período de 2011 a 2014, sendo que quatro deles foram lançados no ano passado - ou seja, o ritmo da produção tem aumentado significativamente, em parte em função de novos incentivos.

Um dos marcos do crescimento da animação no Brasil aconteceu em 2008, quando foi lançado o Anima TV, concurso promovido pela

Secretaria do **Audiovisual** do Ministério da Cultura em parceria com a TV Cultura e a TV Brasil, para incentivar a produção de séries animadas no país. Dele resultaram projetos como Peixonauta, Meu amigãozão, Princesas do Mar e Escola pra cachorro.

Desde 1993, o Anima Mundi, primeiro festival de animação do país, criado por Aída Queiroz, Cesar Coelho, Lea Zagury e Marcos Magalhães, tem desempenhado um papel fundamental para o estímulo e a formação de profissionais da área. Em 2015, realizou sua 23ª edição.

Os recordistas de público da animação brasileira na Retomada são também os que trazem marcas conhecidas no Brasil: Xuxinha e Guto contra os monstros do espaço (2005), com 596 mil espectadores; Turma da Mônica em Uma aventura no tempo (2007), com 545 mil; Grilo Feliz e os insetos gigantes (2009), 370 mil; Cine Gibi da Turma da Mônica (2004), 304 mil; e Grilo Feliz (2001), 216 mil. Em 2013, Minhocas, de Paulo Conti e Arthur Nunes, vendeu 163 mil ingressos.

PRAIA DO FUTURO (Karim Ainouz, 2014)

O realizador de Madame Satã e O céu de Sue/y emplacou seu primeiro longa na competição de um grande festival internacional com Praia do Futuro, que participou da disputa pelo Urso de Ouro no Festival de Berlim de 2014. Coprodução entre Brasil e Alemanha, o filme conta a história de um salva-vidas brasileiro (Wagner Moura) que se apaixona por um alemão (Clemens Schick) e vai morar com ele em Berlim, deixando para trás sua família, em Fortaleza. Anos depois, seu irmão menor, agora adolescente (Jesuíta Barbosa), vai à sua procura em Berlim.

HOJE EU QUERO VOLTAR SOZINHO (Daniel Ribeiro, 2014)

Diretor de São Paulo que se destacou na cena dos curtas-metragens com dois filmes sobre jovens gays (Café com leite e Eu não quero voltar sozinho), Daniel Ribeiro estreou em longa com uma versão ampliada deste segundo curta, que se tornou Hoje eu quero voltar sozinho. Contada com muita delicadeza e sensibilidade, a história de Leonardo (Ghilherme Lobo), um jovem cego que descobre a sexualidade e a primeira paixão com o amigo de escola Gabriel (Fabio Audi), teve sua première na mostra Panorama do Festival de Berlim, de onde saiu com o prêmio da crítica e o Teddy Bear, troféu dado ao melhor filme de temática LGBT de todo o festival. No Brasil, o filme se tornou um pequeno fenômeno no circuito de arte, com mais de 206 mil ingressos vendidos, além de ter cumprido ótima carreira em mercados internacionais.

VENTOS DE AGOSTO (Gabriel Mascaro, 2014)

Um dos expoentes da nova geração do cinema pernambucano, Gabriel Mascaro realizou quatro **Documentários** (entre eles os premiados Um lugar ao sol e Doméstica) antes de estreiar em um longa de ficção. Cruzando as histórias de um jovem pescador obcecado pela morte depois que encontra uma caveira no mar (Geovani Martins), de sua namorada (Dandara de Moraes) e de um jovem pesquisador que captura informação sobre os ventos (vivido pelo próprio diretor), o filme foi selecionado para a competição do Festival de

Locarno, na Suíça, e recebeu uma menção especial do júri.

CASA GRANDE (Fellipe Barbosa, 2014)

Depois dos elogiados *Beijo de sal* (curta) e *Laura* (**Documentário** de longa-metragem rodado em Nova York, onde o diretor estudou cinema), Fellipe Barbosa estreou em um longa de ficção com *Casa grande*, história de um jovem de classe alta (Thales Cavalcanti) que testemunha a derrocada econômica de sua família, apesar dos esforços do pai (Marcello Novaes) de esconder a falência e manter as aparências. Como *O som ao redor*, de Kleber Mendonça Filho, o filme iniciou sua bem-sucedida carreira internacional no Festival de Roterdã, onde participou da competição pelo Tiger Award.

QUE HORASELA VOLTA? (Anna Muylaert, 2015)

Narrado do ponto de vista da empregada Vai (Regina Casé), a partir do momento em que sua filha Jéssica (Camila Márdila) resolve passar um tempo com ela em São Paulo, *Que horas ela volta?* é um retrato ao mesmo tempo comovente e bem-humorado das complexas relações entre patrões e empregados domésticos no Brasil. A diretora Anna Muylaert, que já tinha dado provas de talento em *Durval Discos* e *É proibido fumar*, emplacou com esse filme seu primeiro sucesso internacional: o filme foi selecionado para o Sundance Film Festival, onde Regina Casé e Camila Márdila receberam o prêmio de melhor atriz, e também para a mostra Panorama do Festival de Berlim, de onde saiu com o prêmio do público.

A LEI DA TV PAGA

A Lei 12.485/2011, conhecida como Lei da TV Paga, tramitou durante cinco anos no Congresso até ser aprovada, em agosto de 2011. Em setembro, foi sancionada pela presidenta Dilma Rousseff, quando tiveram início as consultas públicas para o processo de regulamentação, concluída com a publicação das Instruções Normativas números 100 e 101, no dia 4 de junho de 2012.

A Lei da TV Paga movimentou intensamente o mercado de produção, uma vez que gerou grande demanda por conteúdo nacional realizado por produtores independentes. Dando continuidade ao mesmo processo que gerou o Fundo Setorial do **Audiovisual**, procurando regular todos os agentes envolvidos, a lei teve como uma de suas principais medidas a abertura do mercado de TV paga para concessionárias de telefonia, que passaram a poder oferecer o serviço em seus pacotes - com o intuito de aumentar a concorrência e baixar os preços.

Os canais considerados de "espaço qualificado", isto é, que exibem predominantemente filmes, séries, **Documentários** ou obras de animação, passaram a ser obrigados a exibir uma cota semanal de conteúdo nacional independente. Essa cota foi estabelecida progressivamente, começando com 1 h 10 por semana e chegando a 3h30 semanais. Segundo a **Ancine**, isso corresponde a 2,08% das 168 horas de programação semanal de cada canal. Canais de TV aberta reproduzidos em pacotes de TV paga, canais esportivos e jornalísticos não precisam cumprir a cota.

De acordo com a Instrução Normativa 100 da

Ancine, “obras audiovisuais que constituem espaço qualificado são aquelas, seriadas ou não, dos tipos ficção, do-cumentário, animação, reality show, videomusical e de variedades”. No caso dos reatity shows, só poderão cumprir cota os programas cujo formato seja nacional. Ainda de acordo com a **Ancine**, a lógica da definição de espaço qualificado é principalmente econômica, já que se trata do espaço ocupado nas grades de programa-ção por conteúdos que “contribuem para estruturar a indústria” e que “continuam a gerar receitas após sua primeira exibição, e o objetivo maior da lei é fortalecer produtores e programadores independentes”.

A IN 100 também determinou a obrigatoriedade, para cumprimento da cota, de que a detenção do poder dirigente sobre o patrimônio da obra seja dos produtores independentes brasileiros. Ou seja, os produtores brasileiros precisam ser donos de pelo menos 51% dos direitos da obra em questão.